



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

O DNA de Chatô vive

Por Cláudio Magnavita*

A força e alma dos Diários Associados vive atualmente na liderança da Tupi, a rádio número 1 do Rio e que materializa até hoje o espírito do seu fundador Assis Chateaubriand. O grupo editorial líder do Brasil teve o Rio como sua sede e a escolha do emblemático Copacabana Palace não poderia ser mais precisa para o pré-lançamento do musical que comemora os 100 anos do Associados. Em 2024, além da rádio líder no Rio, com jornais líderes em Belo Horizonte, Brasília e Maranhão, o presidente do Associados, Josemar Gimenez, usou a dramaturgia e a universalidade da música para traduzir a fase positiva, em um portfólio que inclui a TV Alterosa e a TV Brasília para contar esta história em um evento no último dia 16, no Teatro do Copacabana Palace.

A base do reposicionamento dos Associados para pelo resgate do seu DNA e de valores que o dinheiro não compra, a sua história. Neste caso, a escolha do jornalista Fernando Moraes para autor do musical revela o entrelaçamento do papel de Chatô, como Chateaubriand era chamado, com a história do Brasil. Não como espectador, mas como protagonista.

No palco, o Chatô encarnado por Stepan Nercessian serve como vitrine para encantar o público. O musical vai trazer para o Brasil e para os jornais e veículos associados o resgate de uma autoestima fundamental para escrever os próximos 100 anos. Um espírito de liderança que foi preservado pela Tupi e traz orgulho a todos aqueles que um dia foram associados.

*Cláudio Magnavita começou na televisão na TV Itapoan, emissora dos Diários Associados na Bahia



Leonardo Moisés, vice-presidente do Correio Braziliense



Naura Schneider, da Voglia Produções, com o autor do musical, o jornalista Fernando Moraes



Jamal Bittar, presidente da FIBRA DF



O secretário de Comunicação do DF, Wellington Moraes



O condômino Maurício Dinepi (e) com o ex-ministro Bernardo Cabral (d)



Décio Freire, presidente do Conselho Consultivo do Condomínio Aciônario



Josemar Gimenez, ao centro superior, com a turma criativa do espetáculo Carlinhos de Jesus, Tadeu Aguiar e Fernando Moraes



Luiz Penido; Isabele Benito e José Carlos Araújo com Antonio Pitanga



Musical comemora os 100 anos dos Diários Associados; pré-lançamento aconteceu no Teatro do Copacabana Palace

Fotos CM

PINGA-FOGO

■ O UPGRADE POLÍTICO DE CLÁUDIO CASTRO - O governador Cláudio Castro fez o corpo a corpo pela aprovação do Propag no Senado e saiu vitorioso. O resultado, de 72 votos favoráveis e nenhum contra, demonstra o seu acerto em pegar o touro pela unha e ficar à frente das negociações da Câmara e agora no Senado. Ao se expor, ele correu o risco do ônus político com a derrota. Mas ele foi em frente. Para o Rio, é a diferença entre a vida e a morte. Nenhum estado pagou tanto e sofreu tanto com a dívida com a União. O governador sai como um gigante e garante a governabilidade para os próximos anos. Deixa um legado e a criação de mecanismos que tira o Rio da vulnerabilidade e falência. Nenhum outro governador se expôs tanto e fez corpo a corpo para salvar os estados do apetite feroz do governo federal. Nesta terça, 17 de dezembro, Cláudio Castro passou para o grupo de políticos que mudaram a história e salvou o seu estado. Já nesta quarta, 18, quando recebe um grupo seleto de jornalistas no Palácio, ele terá muito o que comemorar.

■ DR. LUIZINHO, O RELATOR CERTO DAS HORAS INCERTAS - A vitória do Propag deve ser creditada também à escolha milimétrica feita pelo presidente Arthur Lira, na Câmara dos Deputados, para a relatoria: Dr Luizinho. Raramente um líder de bancada é escolhido como relator. A gravidade do assunto era tão grande, que precisava de um relator que fosse dócil e duro ao mesmo tempo e tivesse relacionamento próximo com os governadores. Dr Luizinho, ao lado de Castro, sai gigante desta votação. O Senado não mudou uma linha do seu texto.

■ PACHECO ARRUMOU A CASA DO SEU FUTURO - A aprovação do Propag ocorreu no Senado, exatamente como Cláudio Castro propôs ao senador Rodrigo Pacheco, que ao deixar a presidência da Casa, pode ser o candidato a governador em 2026, recebendo um estado arrumado.

■ O PIMPOLHO DA MINISTRA NÍZIA, DESEMPREGADO - A Ministra da Saúde, Nísia Trindade, terá uma nova missão no início do ano. Arranjar um novo emprego para o seu pimpolho Márcio Lima Sampaio, que deixa, no próximo dia 31, a função de secretário de Cultura de Cabo Frio, no estado do Rio.

■ Envolvida em escândalos e denúncias, a prefeita Magdala Furtado naufragou nas urnas e a cidade entrou em colapso, principalmente na saúde, apesar dos R\$ 55 milhões que recebeu da ministra no final de 2023, um mês antes de nomear Márcio Lima Sampaio como secretário de Cultura.

■ O moço encerra a gestão de forma melancólica. Cabo Frio não terá uma festa de ano novo, sem queima de fogos - já que uma lei municipal proíbe - e nem shows na praia ou espetáculos que atraiam o turista.

■ A nomeação de Márcio, poucos dias depois da liberação atípica de R\$ 55 milhões por Nísia Trindade, foi revelada pelo Correio da Manhã e foi repercutida por vários veículos. Fica a dica para os prefeitos que assumem em janeiro, o filho da ministra fica disponível no mercado no próximo dia 31.

■ ESTADO RECUSA USO DA LEI DO ICMS PARA RÉVEILLON DE PAES - A prefeitura do Rio incluiu no caderno de encargos do ano novo a possibilidade do uso das leis de incentivos do estado com renúncia de ICMS, só que esquece de combinar com o estado e dispõe da lei de incentivo como se dela fosse. Agora ela

terá de se virar sozinha. Faltam R\$ 6 milhões para fechar a conta e a Naturgy e Light só poderão entrar através da lei estadual. A decisão, tomada há semanas, foi de não colocar azeitona na "empada" do prefeito Eduardo Paes. Para usar a lei estadual, só quando o alcaide for eleito governador.

■ O BOLSONARO NA POSSE DE TRUMP - Cresce o núcleo duro do Bolsonarismo a ideia de que será o de Eduardo, o sobrenome Bolsonaro, que estará na cédula eleitoral de 2026 como candidato a presidente. Está sendo negociada, com toda a pompa, a ida do deputado federal à posse de Donald Trump, no dia 20 de janeiro. O núcleo marqueteiro da direita já dá como certa a proibição pelo ministro Alexandre de Moraes da ida do ex-presidente Jair Bolsonaro à posse.

■ A 'SINUCA DE BICO' DO ITAMARATY - A saia justa do Itamaraty em Brasília é definir quem irá representar o Governo Brasileiro na posse de 20 de janeiro. Lula e Janja nem pensar, ainda mais depois do "Fuck you, Elon Musk". O vice Geraldo Alckmin é vetado pelo núcleo doméstico do presidente, com receio dos laços que podem se formar. A missão oficial deverá recair nos ombros do Ministro Mauro Vieira ou como uma forma para mandar um recado, ao próprio embaixador brasileiro em Washington.

■ CORONEL ERA O INFORMANTE DA OPOSIÇÃO - No celular apreendido pela polícia federal do Coronel Pezegrino, anjo da guarda do general Braga Netto, podem estar as conversas com comunistas de uma grande emissora do Rio e do seu canal noticioso por assinatura, que sabiam de tudo no núcleo duro bolsonarista pela relações que mantinham por WhatsApp com o militar. Ele era visto como o vazador mor do PL.

■ ACM NETO QUERIA O REI DO LIXO ALÉM FRONTEIRAS - O Rei do Lixo, Marcos Moura, que está vivendo crises de ansiedade na prisão e precisando de ajuda psicológica, atuava muito além da Bahia. O ex-prefeito ACM Neto tentou exportá-lo para outros estados e chegou a pedir ao Palácio Guanabara que desse uma chance ao aliado. O mesmo ocorreu com a Prefeitura do Rio e em outros estados. Se ele sucumbir às pressões psicológicas que sofre na cadeia, muitos nomes da política baiana e nacional ruião como um castelo de cartas.

■ JUSTIÇA BAIANA É DRIBLADA PELA PREFEITURA - Apesar de Marcos Moura ter colocado a Bahia em ribalta com o tema de corrupção, a prefeitura de Salvador é ocupada por homens corajosos e destemidos que não temem o Ministério Público e nem a justiça. Tudo em nome de um festejo. A milionária concorrência para a festa de réveillon soteropolitano foi embargada pela justiça e mesmo assim a empresa ganhadora foi contratada usando um outro contrato sem objeto específico para o fim de ano. Um negócio que passa de R\$ 24 milhões, ou quatro milhões de dólares, dinheiro em qualquer parte do mundo. Uma dose de coragem, sem temer o Ministério Público e sem acatar uma decisão judicial. O prefeito Bruno Reis é o king da coragem entre os alcaides de capital.

■ MARCADA A POSSE DOS 17 NOVOS DESEMBARGADORES - O Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Desembargador Ricardo Rodrigues Cardozo, convida para a Solemnidade dos 17 juizes que serão empossados como de Desembargadores. Será no próximo dia 19 de dezembro de 2024, às 14 horas, no Plenário Ministro Waldemar Zveiter.

Fernando Molica

Aviso aos bandeirantes: olha a milícia aí, meu!

Se não tivesse morrido em 2021, o locutor Januário de Oliveira poderia lançar um "Taí o que você queria!" na direção do governador paulista, Tarcísio de Freitas. Isto, diante da prisão de cinco PMs suspeitos de extorquirem comerciantes no Centro de São Paulo.

A corrupção policial é uma espécie de subproduto do estímulo à violência dos agentes, algo tão previsível quanto denúncias de corrupção na Codevasf.

Não se pode dar poder ilimitado a qualquer pessoa, a qualquer profissional, médico, pedreiro, motorista de ônibus, jornalista, engenheiro, advogado, babá. Todos devemos temer algum tipo de controle.

Isso é ainda mais grave quando tratamos de quem tem o direito de andar armado. Na prática, o governo

paulista autorizou a polícia a cometer o mais grave dos crimes, o de tirar a vida de alguém.

Cada policial passou a ter o direito de investigar, julgar e punir com a pena de morte qualquer pessoa, principalmente os pobres e pretos, suspeitos de sempre.

Alguém autorizado a matar tende a se sentir livre também para extorquir, roubar, traficar drogas e armas, para aliar-se a organizações criminosas, como no caso de policiais presos, acusados de cumplicidade com o PCC.

A história recente do país está cheia de casos assim. No fim dos anos 1960, a criação do grupo de Homens de Ouro da polícia do então estado da Guanabara serviu de berçário para o Esquadrão da Morte, para quadrilhas especializadas em extorsão e até para a tentativa de

migração de um deles, Mariel Mariscot, para o jogo do bicho.

A milícia que controla boa parte do território fluminense nasceu dentro da máquina do Estado. Muitos dos futuros integrantes dessas quadrilhas eram policiais acostumados a fazer segurança clandestina para comerciantes em áreas violentas das cidades.

Eles perceberam que ganhariam mais se invertessem a relação; como bons empreendedores, passaram a ser donos dos esquemas de proteção, e começaram a exigir dinheiro dos antigos patrões. Essas estruturas criminosas brotaram e cresceram graças à tolerância do Estado, disposto a terceirizar parte da briga contra o crime: então prefeito da capital, Cesar Maia chegou a classificá-las de "autodefesas comunitárias".

Num primeiro momento, boa parte da população também apoiou os milicianos, muita gente dizia com orgulho que no seu bairro ou na sua favela não havia mais traficantes. Todos haviam sido mortos ou expulsos pelos policiais que passaram a se encarregar da segurança na área em troca de uma pequena contribuição.

A tolerância com a lógica do bandido bom é bandido morto foi decisiva para o crescimento dessas organizações. Seus integrantes faziam o que era considerado certo por muitos — eliminavam os que, para eles, eram criminosos.

Com o tempo, passaram a exigir mais e mais dinheiro dos moradores, monopolizaram a venda de botijões de gás e serviços como transporte alternativo, fornecimento de luz, de TV por assinatura e acesso à inter-

net. Alguns se associaram aos traficantes, outros disputam o direito de vender drogas.

Donos de um poder cada vez maior, milicianos passaram a dominar outras áreas, a conquistar influência em governos e em estruturas partidárias.

Gerados dentro da máquina estatal, exibiam grau de instrução superior aos bandidos comuns, tinham amigos em repartições e em gabinetes. Não demorou para elegerem seus representantes para a Assembleia Legislativa e para câmaras municipais. Alguns milicianos também foram eleitos.

O paulista não precisa de bola de cristal para saber o que acontecerá por lá se a licença para matar continuar a ser renovada — basta ler as notícias sobre o Rio. Sinistro, muito sinistro, como também dizia o Januário.